Descer até ao fundo, onde está o escuro

Hélder Wasterlain

Título: Câmara. Direcção artística: André Maranhã, Gonçalo Ferreira de Almeida, Helena Tavares, João Rodrigues, Maria Duarte. Co-produção: Teatro Municipal Maria Matos e Projecto Teatral. Local e data de estreia: Teatro Municipal Maria Matos, Lisboa, 9 de Fevereiro de 2010.

Para descrever a experiência que o espectáculo *Câmara* proporciona a cada um dos espectadores é necessário utilizar um discurso do tipo "câmara" ao ombro. Neste caso, ao meu ombro. *Câmara* é um espectáculo pessoal. Pessoal porque depois de receber um esquema (ver imagem em anexo) das mãos do responsável pela frente de sala e de ouvir umas genéricas indicações – "pode levar o tempo que quiser" e "consulte o esquema em caso de dúvida" –, entro sozinho na sala de espectáculos do Teatro Municipal Maria Matos. Atrás de mim, o som da porta a fechar-se. À minha frente, a escuridão, a solidão e o silêncio. Abro e fecho os olhos três vezes, para me adaptar ao novo. Lentamente a escuridão vai ficando menos escuridão. Sem sair do sítio onde fiquei depositado, reparo que existem três pontos iluminados por uma fraca luz: o corredor lateral da plateia, as escadas de acesso da plateia para o palco e o palco. Avanço cauteloso e sigo a luz. Percorro o corredor, subo as escadas de acesso e paro no palco. Olho para a plateia. Ninguém. Por instantes o calafrio de poder estar a ser, eu próprio, o actor do espectáculo. No palco uma rampa descendente e preta, com uma luz a definir os seus contornos. Consulto o esquema (ver imagem em anexo). A rampa levar-me-á ao sub-palco, depois, já lá em baixo, tenho uma câmara anecóica, uma pilha, uma câmara de eco, uma fresta e um microfone ligado a uma caixa negra. Desço a rampa sem ainda entender o que vou encontrar. É bastante inclinada. À medida que desço penetro numa nova escuridão, mais densa que a primeira. Chego ao fim da rampa e não encontro senão silêncio e escuridão. Os olhos habituem-se ao novo com apenas três piscadas. Ao centro da câmara uma pilha de tijolo burro, disposta de forma organizada. Na verdade, só consigo decodificar estes elementos porque há um fio de luz irregular que atravessa uma fresta iluminando parte dos tijolos. Esta é aqui a única fonte de luz. Entro na câmara anecóica tacteando os seus limites. Pouco a pouco, o corpo e os sentidos vão adquirindo confiança para avançar,

sempre em busca da mínima luz. Em cima da pilha de tijolos está um microfone. Continuo a tactear o espaço lentamente. Contorno com cuidado a pilha para ver qual é a origem daquela luz irregular. Aproximo-me da fresta e espreito para o interior. Vejo uma projecção vídeo em sequência repetida, cujas imagens mostram uma paisagem em deslocação, como se estivéssemos num comboio. A paisagem passa e são as suas sombras que iluminam os tijolos. Sento-me neles. Se calhar não devia, mas a vontade de sentir todos os elementos que faziam parte desta câmara insonorizada foi maior. E fico – não foi isso o que o responsável pela frente de sala me disse? Olho para as imagens, sempre em sequência repetida, sinto os tijolos, oiço o vácuo, pressinto que alguém me ouvirá, nem que seja dali a cem anos, e apetece-me ficar ali como um arqueólogo a escavar razões, significados e sentidos na câmara onde o tempo parou. E fico.

Depois da submersão há que emergir e fazer o percurso de regresso. Subo a rampa, não sem antes olhar pela última vez para o espaço que abandono, com uma sensação de irrepitível. Sinto a luz a aumentar à medida que me aproximo do palco. Agora a luz fere os olhos. Ninguém na plateia. Olho para rampa. Não me ocorre nada. Desço do palco pelas escadas de acesso para a plateia e subo a ligeira inclinação do corredor. Perto da porta, a porta que dá acesso ao foyer, olho para trás e relembro tudo o que vi naquele espaço e naquele tempo como uma memória presente. Saio e entregam-me um livro branco, só com fotografias, sobre os vários processos a que os tijolos foram sujeitos. No plasma do foyer, junto ao bengaleiro, passam frases de vários autores, de Henry David Thoreau a Jorge Luís Borges, sobre a temática do tempo.

O Projecto Teatral, composto por André Maranhã, Gonçalo Ferreira de Almeida, Helena Tavares, João Rodrigues e Maria Duarte, é um dos mais interessantes colectivos que exploram os domínios e limites da semiótica teatral. Mantendo o mesmo discurso depurado e sintético

<

v

Câmara,
dir. André Maranha,
Gonçalo Ferreira de
Almeida, Helena Tavares,
João Rodrigues,
Maria Duarte,
Projecto Teatral, 2010,
fot. Projecto Teatral.

>
Esquema de consulta:
1 | rampa
2 | câmara anecóica
3 | pilha
4 | câmara de eco
5 | fresta
6 | microfone
7 | caixa negra
(registo sonoro, selado por
um período não inferior
a cem anos)

que a anterior produção, *Vazio do teatro*, apresentado em 2009 no espaço Negócio/ZDB, *Câmara* é um espectáculo que reflecte sobre a questão do tempo e, ao mesmo tempo, volta a (re)colocar o espectador numa posição de descoberta sobre o que é o teatro e a sua representação.

O título sugere-nos dois elementos que nos podem ajudar a descortinar dramaturgicamente o tema. A câmara, enquanto espaço, remete para o universo das pirâmides do Egipto e para os túmulos dos faraós. As câmaras são locais que romanticamente associamos ao silêncio, ao encerramento do tempo, ao tesouro e à morte. O próprio esquema é em muito semelhante às imagens de corte que descrevem o interior das pirâmides. Na *História da arte* de H.W. Janson pode ler-se: "A forma típica dos chamados 'túmulos particulares' era a mastaba, um montículo de forma quadrangular ou de pirâmide truncada, capeado de tijolo ou de pedra, erguido por cima da profunda câmara funerária subterrânea e ligado a esta por um poço" (Janson 1998: 56).

A palavra câmara está ainda associada à câmara escura. Um compartimento estanque à luz com um pequeno orifício de um dos lados. Ao colocar um objecto, do lado de fora, em frente ao orifício a sua imagem é projectada invertida. Esta câmara escura é o princípio base da fotografia. Fotografia que capta o momento presente e que o reifica quando revelado, tal como as imagens em repetição.

E onde é que está o teatro? Muitos acharão que estamos no domínio das artes plásticas contemporâneas, onde os objectos se interrogam a si próprios e testam os seus limites. Na verdade, o destaque dos objectos em cena, a sua disposição no espaço, o percurso que é necessário

fazer para descobrir cada elemento, a experiência sensorial, pessoal e intransmissível a que são submetidos os espectadores, a relação entre o sujeito e o objecto, já para não falar daquele mais óbvio argumento da ausência de actores e de texto, são tudo elementos que fazem parte deste espectáculo e que podem, sob o ponto de vista prático, apontar para aquele domínio. Mas, no fundo, não pertencerão todos estes signos também ao teatro enquanto disciplina artística? Objectos, como por exemplo o tijolo burro, preparado e fabricado, posicionado de uma determinada forma, não funcionará ele como um texto que nos questiona? E os actores, não serão os espectadores? Os que são deixados numa sala, com um esquema e um caminho que os guiam?

Na verdade, *Câmara* pensa sobre o teatro, tal como um objecto de arte se interroga a si mesmo. Nesse sentido, o Projecto Teatral não se afasta do palco para pensar sobre o teatro. Pelo contrário, assume-o e convida o espectador a experienciá-lo, a entrar nele e a descobrir o que existe debaixo dele, como se de uma prospecção arqueológica se tratasse. Descer até ao fundo, lá, onde está o escuro e a matéria com que se constrói o tempo e o teatro. Se isto é teatro? Sim, é, e o tempo acabará por construir essa ideia.

Referência bibliográfica

JASON, H. W. (1998), *História da Arte*, 6.ª ed. Revista e aumentada por Anthony F. Jason, Trad. J. A. Ferreira de Almeida e Maria Manuela Rocheta Santos, colab. Jacinta Maria Matos, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.